

## ECCE HOMO

«E disse-lhe Pilatos: Eis o Homem.»  
S. João 19,5

A imagem que tenho presente é da pintura de Caravaggio que pertence à galeria do Palazzo Bianco de Génova. Tem essa representação do Ecce Homo três figuras: Cristo, Pilatos ou um dos do povo que tanto pediu a condenação de Cristo. Mas esta é tudo menos uma figura clara. Poderá ser de um anónimo seguidor de Cristo, que no seu humilde apreço o tenha seguido até ao juízo de Pilatos.

Esse homem que entre as duas outras figuras surge numa posição cimeira, protectora; ele próprio não muito longe do próprio corpo que Caravaggio escolheu para a representação de Cristo, é também provável que pertença aos serviçais de Pilatos, pois nele não há o espírito de agressão impressa na turba que qualquer dos evangelistas descreve. Gente que com a sua voz de clamor tentava influir na decisão do governador.

O homem de Roma procurava a palavra justa, mas o grito carregado de fúria e de anonimato sabe como mais ninguém converter o sentido justo em injustiça. «Eis o homem» — foram as suas únicas palavras; e tal como Caravaggio nos oferece a figura de Pilatos, ele mais se parecerá com um comerciante de longo trato que negociasse com os nobres genoveses, do que com o procurador romano

que acabava de ordenar a sua justiça. Alguém das famílias Doria, Longhi ou Balbi bem lhe poderá ter servido de modelo.

A pintura ilumina Cristo. Ilumina o seu tronco, braços, mãos, panejamento branco ao redor da cintura; ilumina o inclinado rosto e a cana que segura na mão esquerda. A cana que faz com que se lhe chame, nesta tão comum representação, o Senhor da Cana Verde.

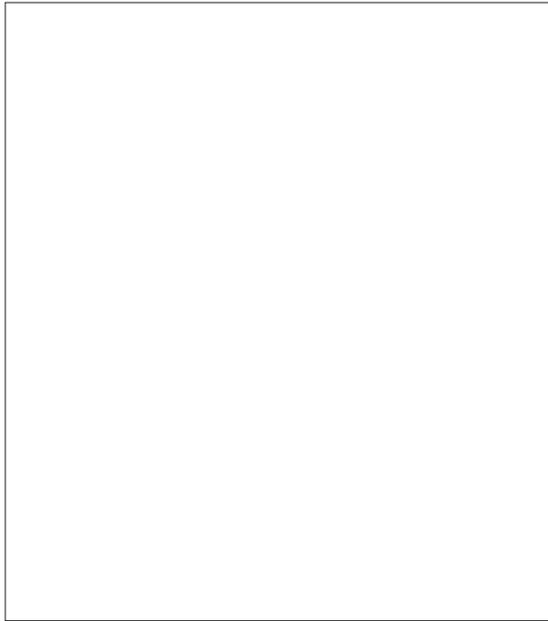
Iluminados surgem alguns dos espinhos da coroa; como as mãos de Pilatos e o seu rosto. A posição das mãos ilustra bem o seu «Eis o homem». As mãos de Pilatos demonstram o seu juízo, que contém as exactas palavras que Cristo queria ouvir dizer-lhe: «Eis o Homem». E mais do que sair desse julgamento sucinto como o rei dos judeus, ele haveria de sair, somente, na sua total e exposta humanidade.

Os três personagens chegam à balaustrada de uma varanda. Figura cimeira, esse anónimo terceiro homem sustém sobre o corpo de Cristo uma escura capa e completa com essa suspensão do pano, de algum modo grosso, a sua apresentação e entrega a um clamoroso auditório.

Dos lábios desse homem algumas palavras se dirigem a Cristo; palavras lentas, silabadas a um ouvido já só atento a um generalizado, colectivo eco «morte». Os escuros cabelos desse homem rodeiam-se de uma faixa de pano branco. A luz dá-lhe um tom de carne assim enrolado à cabeça. Ao modo da carne do tronco de Cristo, escurecida pelos mamilos e pelo umbigo, na lisura dividida pelo externo.

Uma faixa branca enrolada à semelhança do pano branco envolvendo a cintura de Cristo. Com as mesmas pontas de pano suspensas, de um nó corrido à pressa. Haverá nesse gesto a desafeição que historiadores e teólogos quiseram dar; pois a história tem o seu traço de maior importância ligado não ao que pudesse ocorrer entre a frase murmurada desse homem, quase ao ouvido de Cristo e o apaziguador silêncio deste, mas à época, à estrutura, ao domínio e ao limite.

Quero com isto dizer que depois do «Eis o Homem» enunciado pelos lábios do procurador, à história só interessou o máximo e o



mínimo das flutuações conjunturais; e, naquele momento, tudo já se prendia aos desejos de uma população em queda revolucionária. Pertencia-lhe a vontade e a construção de qualquer resposta estava do seu lado; judaizante resposta, não importa. De resto, tudo se passava entre judeus. Exceptuando Pilatos eram judeus os outros dois homens que estavam na varanda e judeus formavam a desintegradora multidão que se oferecia aos seus olhares. E nessa hora de turbulência, dos três homens apenas Pilatos olhou para o proletariado externo — não é assim que Toynbee lhe chama? — com declarado desprezo. É que ele, como político, temia as oscilações mínimas da opinião e, com qualquer outro político, desde a Roma antiga ao Ocidente contemporâneo, temia a queda e o ostracismo.

A multidão, que já tinha coroado Cristo com a enredada coroa de espinhos, pedia a sua morte. Exceptuando o terceiro homem, aquele que se elevava por detrás de Cristo e de Pilatos e que segurava

com extremo cuidado o escuro manto sobre os ombros de Cristo; excepto esse homem, mais ninguém olhava de modo límpido o ar que circundava.

Olhos fixos no chão, as gentes da Judeia tacteavam esse mesmo chão. Temiam-no fugidio. Gente morena na sua maioria. Atarracada e franzina. Que tanto se parece com a gente portuguesa. Sem carácter, somente sabiam gritar por uma morte soez. Diferenciavam-se entre si como se representassem a escumalha de várias raças. (Passe este tom de voz novecentista.)

Bastava vê-los caminhar: tristes, ainda que ruidosos; muito lentos, apesar de afeitos a lances de rapidez e mesmo de algum desembaraço; sebentos, posto que não distantes da água; de andar sem graça, como se tivesse sido aprendido em embarcações rudimentares sem quilha nem leme. Entre vocativa e chorosa, as suas vozes de «morra» eram levadas pela repercutida sombra do vento.

Daquele que sobre os ombros de Cristo erguia o castanho manto saiu um trémulo soluço e os seus lábios continuavam, ininterruptos, num secreto murmúrio que se confundia com o inclinar dos pinhais e o grito quebrado de ave ferida.

E Cristo? Os seus seguidores preparavam-se, rápidos, nos segredos dos seus corpos e casas; velozes em entusiasmo e domínio de séculos e séculos futuros, para modernizarem a sua teoria e desenvolverem a série impressionante dos seus argumentos. Os seus seguidores, que não se deixavam ver nesse escuríssimo dia de sexta-feira em que a terra tinha o seu quê de animal, preparavam-se para admitir que uma palavra adquire significado ao ser nomeada numa espécie de cerimónia: era a Páscoa, diriam; e isso iria passar a ser comunicado. A palavra Páscoa passaria a assinalar os objectos que a própria palavra nomeava: a cruz, os pregos, as cordas, o túmulo; por fim surgiria a dor.

Seguiam Cristo vários lumes. Vale a pena repetir que o dia era uma sexta-feira escuríssima. Lanternas processionais — destas que levam os velhos pelos mais escuros caminhos. Alumiarium deus — julgavam — com as pálidas chamas, como as que guiavam os navegantes no mais ermo de um lago. E aqueles que nun-

ca o haveriam de seguir ficavam a pensar que essas ténues e mortíferas luzes presidiam à sorte dos vivos. Mas quem entre essas luzes governava já então os destinos?

«Eis o Homem»: começava a ser palavra de novidade. Nomeava uma operação primitiva; e se se esquece, um dia, terá de haver muitos e dolorosos preparativos na linguagem para que o seu simples nomear volte a ter sentido.

Suspendeu-se o curso do tempo, ao redor. Os três personagens deste meticoloso teatro encenado por Michelangelo Merisi, também chamado o Caravaggio, regressaram mais uma vez ao balcão elevado sobre a multidão judia e sobre a cidade. O casario solitário espalhava-se de mistura com uma ou outra colunata romana. O predomínio: muros sem cal nem frestas; seixos a prenderem telha vã; a pobreza espalhava-se, pronta a contagiar séculos e séculos vindouros. A todo o redor não se avistava agora qualquer criatura, a quem o nome de criatura pudesse servir de um modo válido.

Para além ficavam os efémeros e errantes montes de areia, que somente o caçador de gansos-bravos conhecia. Em ilusão, as dunas desses desertos fronteiros deram lenha, vinho, pão; e as ondas do mar e dos lagos vizinhos pagaram tributo. Ecce Homo: a palavra domou as águas, aplacou os ventos e animou o que ficara ermo.

«Mas não te aproximes muito — preveniu o homem ao ouvido de Cristo, enquanto lhe erguia levemente o manto, mostrando, desde o balcão, o seu tronco inteiramente nu — porque se te aproximares só sentirás o calor e o suor e a morte a que eles, por ignorância, chamam vida.»